

# PAULO FREIRE: A FILOSOFIA COMO LEITURA DO MUNDO

*Antônio Joaquim Severino<sup>25</sup>*

Minha convivência com Paulo Freire foi curta na temporalidade medida por *kronos*, mas muito rica no tempo *kairós*. Pessoalmente, só vim a conhecer Paulo Freire em 1979, quando de seu regresso ao Brasil, após seu exílio, passado na Bolívia, no Chile, nos EUA e na Suíça. Voltei de meus estudos na Bélgica, justamente quando Paulo Freire já havia deixado o país, mas desde então, ao me iniciar no trabalho acadêmico, passei a conviver muito intimamente com seu pensamento, trabalhando com seus textos, dedicando-me a sua leitura, de forma mais sistemática, e o apresentando aos alunos de minhas aulas de Filosofia da Educação. Quando ele voltou ao Brasil, ao ser recebido pela PUC-SP, tive inclusive a oportunidade de participar desse acolhimento cabendo-me, na minha condição de Diretor do Centro de Educação, a honrosa tarefa de saudá-lo na emblemática recepção, momento histórico em que começava raiar no contexto nacional a aurora de uma esperança de redemocratização do Brasil, no crepúsculo dos anos de chumbo da ditadura cívico-militar instaurada em 1964. Ao longo das duas décadas seguintes, convivi com Paulo Freire, mais proximamente, acompanhando seu trabalho, primeiro na própria PUC-SP, onde nos encontrávamos no quarto andar do Prédio Novo, trocando ideias, conversando também sobre o dia a dia acadêmico e sobre nossos anseios comuns; depois o acompanhei, mais à distância, no exercício de sua gestão como Secretário Municipal da Educação de São Paulo e, posteriormente, como professor na Unicamp.

25 Professor aposentado de Filosofia da Educação na Faculdade de Educação da USP. Na PUCSP, apresentou seu doutorado, defendendo tese sobre o personalismo de Emmanuel Mounier, em 1972. Atualmente integra o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho, de São Paulo, onde lidera o Grupo de Pesquisa e Estudo em Filosofia da Educação - GRUPEFE. Seus estudos e pesquisas atuais situam-se no âmbito da filosofia e da filosofia da educação, com destaque para as questões relacionadas com a epistemologia da educação e para as temáticas concernentes à educação brasileira e ao pensamento filosófico e sua expressão na cultura brasileira.

Colega dele na Pós-Graduação da PUC-SP, numa dessas conversas, que versava sobre a vida intelectual na academia, ao comentar comigo que conhecia mais de 130 países e que, infelizmente, contou-me que em nenhuma delas encontrou tanta intolerância epistemológica como no Brasil, onde as divergências no plano das ideias transbordavam para os outros domínios da vida, comprometendo a harmonia e a qualidade da convivência profissional e até o relacionamento pessoal entre os colegas. Fiquei muito impressionado com esse relato e nunca mais me esqueci dele.

Quando contratado pela Unicamp, ocorreu uma situação inusitada para os padrões burocráticos da universidade brasileira: encarregado pela administração de elaborar um parecer que justificasse a contratação, o Prof. Rubem Alves, entendendo não haver cabimento fazer tal avaliação doméstica de um intelectual e educador universalmente reconhecido, elaborou um verdadeiro anti-parecer, evidenciando e denunciando tamanho disparate, não entrando no mérito da proposta. Prevaleceu o bom senso e a contratação foi formalizada sem parecer mesmo. (ARAÚJO FREIRE, 1996).

Neste breve ensaio memorialístico, que tem como principal objetivo compartilhar da homenagem que o NESEF/UFPR e o Coletivo Paulo Freire/UNESPAR se propuseram a prestar a Paulo Freire, por ocasião do centenário de seu nascimento, gostaria de registrar a ocorrência desse nosso encontro, pessoal e intelectual, destacando o que ele significou para mim bem como a percepção que tive da chance histórica que teve a educação brasileira com o retorno dele ao país. Com efeito, ao voltar, trazia consigo significativa experiência educacional, amadurecida no trabalho que desenvolveu, na sofrida condição de exilado, sofrimento compensado pela contribuição solidária que dera às populações oprimidas de países africanos e asiáticos, cujos programas educacionais assessorou, na condição de consultor Especial do Departamento de Educação, do Conselho Mundial de Igrejas. É que Paulo Freire, forçado a deixar seu país, o seu Nordeste em que germinaram suas inovadoras ideias educacionais, compromissadas com a emancipação dos oprimidos, levou consigo a inspiração radical que o animava. Esse vínculo com o povo oprimido de nosso país, Paulo Freire nunca o rompeu, mesmo quando fisicamente afastado e distante (ROMÃO; GADOTTI, 2018). Inspiração essa já explicitada teoricamente em sua tese de concurso público<sup>26</sup> e praticada no trabalho de alfabetização de adultos, em *Angicos*, e que foi sistematizada em sua obra germinal, *Pedagogia do oprimido*<sup>27</sup>. Certamente, foi sob essa mesma inspiração que

26 *Educação e atualidade brasileira*, defendida na Universidade Federal de Pernambuco, em 1959; posteriormente, com alguns retoques, foi publicada sob o título *Educação como prática da liberdade*. (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967).

27 Manuscrito original em português, de 1968, publicado no Brasil em 1970, pela Editora Paz e Terra, traduzido do inglês, língua em que foi primeiramente editado. Em 2018, em co-edição pelo Instituto Paulo Freire, BT Acadêmica e Uninove, foi publicada uma versão da obra acompanhada do texto do manuscrito original, cedido por Jacques Chonchol, Diretor do INDAP, (Instituto de Desarrollo Agropecuario, do Ministério da Agricultura do Chile, onde acolheu Paulo

o animou os vários projetos que teve a oportunidade de criar e desenvolver na Europa, junto ao Conselho Mundial de Igrejas (CMI) bem como em países colonizados da Ásia e da África.

Paulo Freire, até seu retorno do exílio, não desfrutava de aceitação e prestígio nos espaços mais intelectualizados das instituições universitárias do país. Isto se devia, em parte, porque se fazia uma avaliação, a meu ver incompleta, de que a sua proposta era de educação popular, reduzida a uma proposta didática de alfabetização de adultos, que teria mais a ver com atividades de extensão, não muito prestigiadas àquela altura, do que com aquelas do ensino formal. Certamente um equívoco de percepção. Na verdade, quanto a isto, o problema estava antes na indevida elitização do saber acadêmico, incapaz de efetivar um processo comunicante da vida universitária com a vida sociocultural envolvente. Assim como ocorria com o capital econômico, no caso dos recursos materiais da riqueza, nós não conseguimos, até hoje, compartilhar, de forma mais significativa e solidária, o capital cultural que produzimos.

Além disso, houve outro motivo, mais externo, decorrente da miopia ideológica de parte dessa elite dominante, o que se acirrou no período da ditadura e que se expressava na identificação de seu pensamento e de sua prática com o ideário comunista. Identificação arbitrária e infundada, como se o compromisso e a luta pela igualdade e pela libertação dos seres humanos históricos tivessem necessariamente de ocorrer articuladas à visão teórica e à prática do comunismo histórico. No caso brasileiro, como é constatação mais que comprovada, nesta denúncia cultural e de perseguição política, tratou-se tão somente de estratégia ideológica para camuflar a defesa de interesses hegemônicos dos dominadores, identificados com os propósitos do capitalismo.

Lamentavelmente, essa situação vem se configurando novamente, após um intervalo de três décadas de uma iniciante experiência de vida democrática, em decorrência das políticas sociais e educacionais que vem sendo implementadas pelo governo conservador que se instalou em 2019. A perspectiva desse governo agrega a essa argumentação ideológica de anticomunismo um reforço com seu fundamentalismo religioso e moralista. Disso decorre que Paulo Freire, depois de ter sido nomeado patrono da educação nacional, volta a ser alvo de críticas e acusações de comunismo. Vem sendo acusado de ser responsável por um alegado desvio de rumos da educação brasileira.

Ambas sustentações são frágeis e equivocadas, não justificando a desconsideração do pensamento de Paulo Freire. Certamente uma de suas principais contribuições é ter mostrado que a libertação dos povos oprimidos precisa ser universal, libertando-se tanto o oprimido como o opressor. Enquanto houver um oprimido numa sociedade, ninguém fruirá da verdadeira emancipação. Lamentavelmente, a elite brasileira ainda não se deu conta dessa exigência histórica, não tendo superado ainda, na medida necessária, a mentalidade remanescente da escravidão.

Freire durante seu exílio nesse país e a quem confiara a guarda do manuscrito. Foi lançada com o título *Pedagogia do Oprimido: o manuscrito*.

Com base nessa premissa histórico-antropológica, tendo a compreender então a postura intelectual de Paulo Freire como precursora, na segunda metade do século XX, da linha de pensamento da decolonialidade e da interculturalidade. Daí ter entendido e proposto que a prática educativa se alicerçaria na própria experiência vital do educando oprimido, pois não era possível ler os livros sem antes ler o mundo, sem se partir da leitura do mundo da vida e não daquele dos códigos linguísticos. E só dispondo de uma cultura, construída com base na sua própria experiência, que uma sociedade pode interagir com as outras sociedades, num processo intercultural de trocas recíprocas, em que todas as culturas possam se afirmar, ser reconhecidas e respeitadas.

Este meu modo de ver emerge da convicção de uma convergência de pontos de vista que me soam nascidos de inspirações comuns que tivemos. Quando de minha formação em Filosofia, primeiro no mestrado na Universidade de Louvain, depois no doutorado, na PUC-SP, identifiquei-me muito com o pensamento de Emmanuel Mounier, tendo feito tanto minha dissertação como minha tese sobre ele<sup>28</sup>. Essa opção expressa que minha formação filosófica se deu prioritariamente inspirada pela fenomenologia existencial, particularmente na linha do existencialismo cristão. E esse paradigma também muito influenciou Paulo Freire. O que me impressionou no personalismo de Mounier foi a proposta de uma encarnação prática da filosofia na vida concreta das comunidades históricas, questionando-se seu caráter puramente contemplativo. Inclusive foi ele que me apresentou o marxismo, com sua filosofia da práxis. Vi nessas proposições o enraizamento da reflexão filosófica, uma vez que o conhecimento autêntico deveria nascer da experiência das próprias comunidades históricas. Isso, no caso das sociedades colonizadas da América Latina, da África e da Ásia, implica um duplo investimento: de um lado, denunciar o eurocentrismo cultural e, de outro, substituí-lo por uma prática de efetivo etno-conhecimento. E esse foi, a meu ver, o projeto posto em prática por Paulo Freire,

Paulo Freire explicitou que a emancipação política e econômica pressupõe igualmente a emancipação epistemológica. No caso das sociedades formadas por processos de colonização, os colonizadores desenvolveram uma concepção segundo a qual os dominados não teriam capacidade de cuidar de si e de construir conhecimento sobre sua condição existencial. Não se dão conta de que a não emergência do pensamento original do colonizado decorre justamente do sufocamento da subjetividade deles pelas diferentes formas de opressão com que os tratam, impondo-lhes uma subjetivação alienante (ROMÃO/SEVERINO, 2017)

Em sua proposta educativa, tal como concebia a atividade nos Círculos de cultura, Paulo Freire trabalhava a ideia de uma reconfiguração do ser humano ao promover o encontro das consciências, sendo

28 A dissertação versou sobre a crítica da democracia liberal no pensamento de Emmanuel Mounier e a tese sobre os princípios ontológicos do Personalismo.

local privilegiado para o ressurgir de conhecimentos obscurecidos e silenciados pela lógica dominante, pois os sujeitos participantes, ao comungarem de uma mesma realidade, trocam impressões, refletem e constroem epistemologias capazes de contribuir para apropriação da consciência de si e do mundo. Tratava-se então de proporcionar aos seres humanos o (re)descobrimento de si mesmos de forma reflexiva por meio da intersubjetividade caracterizada pela interação das subjetividades dos indivíduos entre si. Dessa forma, a consciência de si estabelece uma ligação direta e íntima com a consciência do mundo.

A conscientização permitirá ao ser humano inserir-se no processo histórico, reconhecendo-se como sujeito, evitando os possíveis fanatismos ao inscrevê-lo na busca da própria afirmação (FREIRE, 1979). Assim, "... a conscientização, entendida como uma passagem de uma consciência puramente natural para uma consciência reflexiva, de uma consciência em si para uma consciência para-si, de uma consciência dogmática para uma consciência crítica ..." (SEVERINO, 1986, p. 97) torna os seres humanos, sob o ponto de vista antropológico, capazes de se situar em relação à totalidade apreendendo o sentido da própria existência histórico-social.

Os colonizadores ao domesticarem as consciências dos povos colonizados causaram a imersão dessas consciências, fixando-as no subsolo dos fazeres humanos reconhecidos como legítimos no processo histórico-social da humanidade. Para que haja a verdadeira libertação, Freire (1987) destaca a necessidade de dois movimentos: o primeiro deles é a emersão permitindo a tomada de consciência sobre a própria condição e o segundo é a imersão novamente na realidade, avaliando-a de acordo com os próprios parâmetros para transformá-la.

A(o) oprimida(o), de acordo com a visão freiriana, tem uma tendência a apresentar uma posição fatalista ao acreditar que sua condição é resultado de um processo natural, desconhecendo a própria capacidade de gerir a vida. Além disso, apresenta atração e repulsa pelo colonizador uma espécie de sentimento ambíguo em relação a ele. Sente-se atraída(o) pelo modelo existencial apresentado, desejando ser como ele e, ao mesmo tempo, rechaça-o em função da violência que imprime, tanto física quanto simbólica.

Muito além do desenvolvimento de um método de alfabetização, ao atribuir à oprimida e ao oprimido recursos gnosiológicos, inverte a ordem vigente, sugerindo a construção de uma pedagogia da (o) oprimida (o) e não para a(o)s oprimida(o)s. Além disso, os Círculos de Cultura tornam-se espaços acolhedores das epistemologias alternativas ao permitir o resgate de razões silenciadas pelas epistemologias hegemônicas e, ao mesmo tempo, a manifestação de epistemologias que intencionam a construção de uma nova geopolítica do conhecimento.

Daí a extrema importância da educação como prática sociocultural, como interação permanente entre os sujeitos. Seu pensamento libertador implica um método aplicado de ação emancipatória, um método de libertação popular, cuja característica fundamental é a dialogicidade

educador/educando, mediados pelo conhecimento que ambos podem desenvolver, enquanto sujeitos livres, e que é problematizador por excelência. Paulo Freire vê sua metodologia pedagógica como uma mediação para o compartilhamento de uma intencionalidade. A pedagogia do oprimido deve colocar educadores e educandos em processo de conhecimento da realidade, de forma desveladora e crítica, e de frente às perspectivas de um projeto emancipatório. (FREIRE, 1987; 2011; ANDREOLA/HENZ/KRONBAUER, 2010)

Trata-se de uma aguda sensibilidade problematizadora, que se expressa mediante o questionamento do sentido do humano, em sua relação com o mundo, que se dá pelo conhecer e pelo agir. O filósofo é aquele sujeito cujo pensamento nasce e se desenvolve movido por uma inexorável indagação a respeito da condição humana. É unicamente sob este aspecto que se pode caracterizar a filosofia como uma *démarche* universal, na medida que ela se põe ao espírito independentemente de suas coordenadas concretas, de tempo e de espaço. O que cabe afirmar então é que universal é a problematização filosófica enquanto a resposta que o filósofo pretende lhe dar precisa ser necessariamente particular. Paulo Freire foi esse educador que fundou sua práxis numa filosofia pautada no reconhecimento da dignidade humana, compromissando-se com uma prática educativa decolonizante e intercultural, capaz de ser mediadora da emancipação da pessoa oprimida.

## Referências

- ANDREOLA, Balduino, HENZ, Celso I., KRONBAUER, Luiz G. **Paulo Freire e o pensamento latinoamericano**. In. p. 15- STRECK, Danilo GHIGGI, Gomercindo,
- SILVEIRA, Fabiane T. de, PITANO, Sandro de C. (Orgs.) *Leituras de Paulo Freire: contribuições para o debate pedagógico contemporâneo II* Brasília: LiberLivro; Oikos, 2010.
- ARAÚJO FREIRE, Ana Maria. **A voz da esposa: a trajetória de Paulo Freire**. In: GADOTTI, Paulo Freire: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez/IPF/Unesco, 1996. p. 27-67.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Educação e conscientização**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir et al. (Orgs.) **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez/IPF/Unesco, 1996.

ROMÃO, José E.; GADOTTI, Moacir. **Prefácio à segunda edição dos manuscritos de Pedagogia do oprimido**. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido (o manuscrito)*. São Paulo: Instituto Paulo Freire/BT Acadêmica/ Uninove, 2018.

SEVERINO, Antônio J.; ROMÃO, Natatcha P. (Orgs.) **Posições de-colonizantes no pensamento filosófico-educacional no Brasil**. In: MARCONDES, Ofélia; SEVERINO, Antônio J. *Filosofia da Educação na América Latina: aproximações diálogos e perspectivas*. São Paulo: Cartago Editorial, 2017 p. 202-236.

SEVERINO, Antônio J. **Educação, ideologia e contra-ideologia**. São Paulo: EPU, 1986.